

PECADOS DO PLANO

HELENA MADER

DA EQUIPE DO CORREIO

A capital planejada para ser um exemplo de organização e qualidade de vida enfrenta hoje problemas típicos de grandes — e caóticos — centros urbanos. O Plano Piloto e seu traçado idealizado pelo urbanista Lucio Costa sofrem agressões diárias que ameaçam a classificação da cidade como patrimônio da humanidade e incomodam os moradores das asas Sul e Norte. Com a ajuda de líderes comunitários, especialistas e entidades de defesa do tombamento, o Correio fez uma lista dos problemas mais graves do Plano. As reclamações vão desde barulho excessivo nos bares até o fluxo de ambulantes e a presença de camelôs nas entrequadras. Diante das irregularidades, o governo promete intensificar a fiscalização e colocar a cidade nos eixos antes da comemoração dos 50 anos de Brasília, em abril de 2010.

Um dos problemas mais antigos e mais graves são os puxadinhos e as invasões de área pública nas quadras comerciais. Em junho do ano passado, a Câmara Legislativa aprovou a Lei Complementar 766/08, que estabelece os limites e as regras para a extensão do comércio nas laterais e nos fundos. Pela legislação, os comerciantes podem ocupar até 6 metros nos fundos das lojas, mas quase nove meses depois da aprovação, a lei ainda não foi regulamentada. A Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (Sedu-

ma) promete concluir a regulamentação até o fim de março.

O superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Alfredo Gastal, classifica os puxadinhos como um dos pecados mais graves contra o tombamento. Ele conta que está preocupado com a proteção do título de patrimônio histórico de Brasília por conta das recorrentes agressões contra o Plano Piloto. "O que estamos vendo é um somatório de pequenos e grandes problemas que, juntos, podem comprometer o tombamento. A população tem orgulho desse título e todos são responsáveis por preservá-lo", comenta Gastal.

O excesso de carros em circulação nas asas Sul e Norte é motivo constante de reclamação. Além dos engarrafamentos, a frota inchada causa falta de vagas tanto nas áreas comerciais como nas residenciais. Quem chega em casa ao fim de um dia de trabalho muitas vezes não consegue achar lugar para estacionar o carro. Diante da crescente demanda por veículos, aumentou também o número de oficinas em funcionamento na Asa Norte. Muitas desenvolvem atividades irregulares para o setor, como lanternagem e pintura, e prejudicam o comércio da região.

A administradora de Brasília, Ivelise Longhi, explica que entre as prioridades para 2009 estão a revitalização da W3 Sul, a recuperação de praças públicas e a reforma de parquinhos e quadras de esporte. "Estamos investindo muito para preparar a cidade para a comemoração dos 50 anos da cidade e para a Copa do Mundo", explica Ivelise.

Cadu Gomes/CB/DA Press



ALVO DE VÂNDALOS

Um dos mais importantes e tradicionais cinemas de Brasília sofre a ação dos vândalos. Mas as paredes do Cine Brasília, na 106/107 Sul, não são as únicas vítimas dos pichadores que desfiguram a paisagem da capital federal. Prédios residenciais, os fundos das lojas e também as fachadas do comércio são constantemente marcados pela tinta dos sprays. Morador da 106 Sul, o aposentado Maurílio Nunes Bandeira, 76 anos, se revolta ao falar das pichações nas paredes do Cine Brasília. "Já cheguei até a ficar em pé em frente ao cinema, de campana, para tentar flagrar os criminosos que sujam as paredes. Depois, minha família me convenceu de que era perigoso", conta Maurílio. "Deviam colocar esses vândalos para limpar a sujeira que fazem", reclama.

705

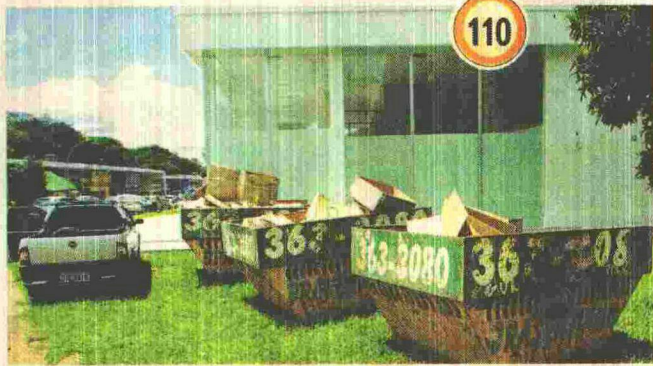
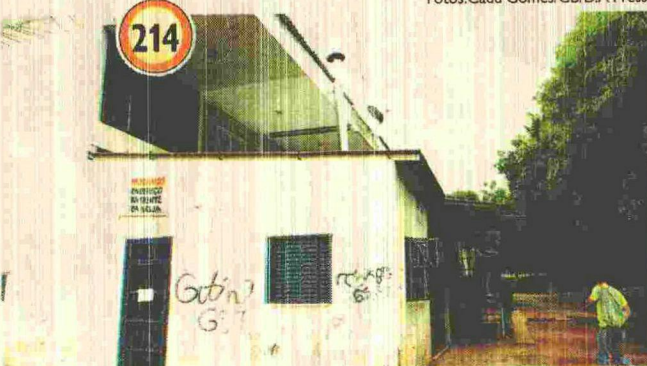
Marcelo Ferreira/CB/DA Press



W3 ÀS MOSCAS

O comerciante Luiz Carlos da Costa, 40 anos trabalha em uma loja de instrumentos musicais na 511 Sul. O dia-a-dia de Luiz na W3 é bastante solitário: os estabelecimentos vizinhos estão todos fechados e com as portas pichadas. Com o fluxo de clientes em baixa na avenida, o movimento na loja está cada dia menor. "A W3 está abandonada", decreta o comerciante. "A gente trabalha sempre com medo de assalto. Como a movimentação é pequena, os ladrões aproveitam para agir." A W3 Sul tem cerca de mil estabelecimentos comerciais ao longo dos 5,3km de extensão. A avenida, que já foi point da cidade nos anos 60, hoje amarga o esquecimento. Na 705 sul, por exemplo, a calçada virou depósito de lixo. O projeto de revitalização foi elaborado em 2002, mas até hoje não saiu do papel. "Com pequenas medidas, vamos mudar a cara da W3. Estamos discutindo linhas de crédito ou isenções de imposto para quem fizer melhorias nas fachadas", conta a administradora de Brasília, Ivelise Longhi. Outra medida para dar nova vida à W3 é a construção do veículo leve sobre trilhos (VLT).

Fotos: Cadu Gomes/CB/DA Press



PUXADINHOS SEM PADRÃO

Para o superintendente do Iphan, Alfredo Gastal, os puxadinhos nas comerciais do Plano representam uma das mais graves agressões ao tombamento. Hoje, não há padrão de edificação e cada comerciante constrói como quer. Sem regras, formam-se becos nos fundos da loja, que muitas vezes viram abrigos para mendigos e bandidos. Na 214 Sul, os puxadinhos não têm uniformidade. A Lei nº 766/08, que determina os limites para a construção de puxadinhos, foi aprovada ano passado, mas não saiu do papel. "A falta de regulamentação representa a manutenção do caos nas comerciais. Estabelecemos o limite de 6m para as ocupações no fundo e agora isso virou motivo de reclamação", diz Gastal. A Seduma informou que falta definir o preço a ser cobrado pela ocupação da área pública e que a regulamentação da lei fica pronta em março.

ENTULHO IRREGULAR

Criadas para recolher lixo de obras e das áreas comerciais, as caçambas de entulho, quando colocadas em locais irregulares, atrapalham o trânsito. É comum encontrar contêineres tomando espaço dos estacionamento. O advogado Demerval Pádua, 50, mora na 209 Sul e fica incomodado com as caçambas em cima do gramado ou das calçadas. "Brasília é arborizada, um lugar agradável para fazer caminhadas, mas sempre que saio para andar, me deparo com esses contêineres", reclama. Na quinta, o Correio encontrou três estruturas de ferro lotadas de entulho no gramado da 110 Sul. O Serviço de Limpeza Urbana e a Administração de Brasília têm um projeto de coleta seletiva para reduzir o volume de lixo em caçambas nas comerciais. A Seduma também trabalha no Código de Posturas do DF, que vai disciplinar onde podem ser colocados os contêineres.

PILOTIS ENCARCERADOS

Uma das maiores inovações do plano de Lucio Costa foram os pilotis sob os prédios residenciais. A ideia era criar uma cidade sem impedimentos ao fluxo de pedestres. Mas um dos pilares do plano urbanístico da capital é totalmente ignorado nas asas Sul e Norte. Os espaços entre pilotis de blocos estão sendo cercados no Plano Piloto, assim como no Sudoeste e no Cruzeiro. Em alguns edifícios, o cercamento é discreto. Pequenas áreas são isoladas por grades para a colocação de bicicletas ou outros objetos. Mas há prédios com grandes áreas reservadas a residências para porteiros e até estacionamento. "Outro jeito que encontraram para bloquear o acesso aos pilotis é a criação de grandes jardins que bloqueiam a passagem. Isso também é uma agressão ao tombamento", diz a presidente do Conselho Comunitário da Asa Sul, Heliete Bastos.